

relações de grupo, dar-lhe-á meios de esquecer sua vida e sua morte, ao mesmo tempo que de desconhecer numa falsa comunicação o sentido particular de sua vida" (*ibidem*).

ESTILO

O homem moderno toma a via oposta à da nobreza do analisando, que investiga sua singularidade. Quem passa por uma análise reconhece duas mortes diferentes: a natural ou biológica e a da singularidade, que é a morte da honra. Lacan as desenvolveu no Seminário VII, *A Ética da Psicanálise*.

Édipo, nisso, é ilustrativo: tendo perdido tudo – o castelo, a mulher, a vista – ele, surpreendentemente, exige em um jantar que lhe seja servida a parte nobre do carneiro. Era a parte que lhe cabia não pela pessoa, mas pela honra. Ainda que a carne não o agradasse, ainda que ele não fosse mais o rei de Tebas, de modo que os outros imediatamente lhe concedessem a preferência. Édipo sustentou sua honra a despeito do apagamento que a vida cotidiana, na velhice, convidava-o a aceitar.

Lacan fala, a esse propósito, de André Gide: ele merece todo o respeito por ter se ocupado da sua particularidade, de seu S_1 , como faz um analisante.

O sujeito barrado sustenta um significante-mestre, S_1 , que marca sua especificidade, e através do qual consegue se articular na rede da civilização, na cadeia de significantes, S_2 . Isso implica que em qualquer articulação, porém, reencontremos a particularidade do seu traço, como *estilo*.

$$\frac{S_1}{\mathcal{S}} \rightarrow S_2$$

Então, quanto aos regimes da honra e o do *primum vivere*, de um lado estão pessoas que têm estilo e, de outro, os simples mortais: aqueles que cederam em sua particularidade pela cômoda posição de serem apenas um traço qualquer da cadeia significativa, esquecidos, como disse Lacan, do sentido particular de suas vidas. Indiferenciados, sem nobreza quanto ao seu desejo.

ARISTOCRACIA HOJE

Hoje, a sociedade “moderna” recebe com dificuldade o aristocrata, que se apresenta petulante, arrogante. O tema da honra sofre reservas como se fosse classista. Mas a aristocracia é democrática: de início, a todos é dada uma particularidade, ainda que muitos dela descuidem. Não é preciso nascer Bourbon para ter honra, ou para assumi-la em uma análise.

Quando Lacan se propõe a “causar vergonha”, pretende permitir o reaparecimento desse S_1 , dar à pessoa a oportunidade de viver sua particularidade.

Na última sessão do curso de Jacques-Alain Miller do ano passado (aula XXI, de 12 de junho) suas palavras de conclusão re-visitaram *O Avesso da Psicanálise* enfocando o S_1 : “o que Lacan propõe é um *aggiornamento* do significante mestre”.

Miller: “é a honra que convém sem dúvida ao discurso psicanalítico e à ética do analisando, a saber: Decifre seu inconsciente, torne-o legível, mas para isso você precisará de um significante mestre que nada tem a ver com o dos tempos antigos, que é de hoje”. E o sentido contemporâneo de S_1 , diz Miller, é o ponto de *capitoni*: o que permite a leitura.

Cabe a cada um decifrar o seu inconsciente, mas para que isso seja possível é necessária a chave no S_1 . Ele operaria, compara Forbes, como a Pedra de Rosetta, que serviu a Chapollion para decifrar a escrita egípcia e demótica. Na Rosetta havia gravado um mesmo decreto simultaneamente em hieróglifos, caracteres demóticos e em grego, idioma conhecido de Chapollion.

Para esclarecer a proposta de Miller, Forbes oferece uma linha de compreensão: uma pessoa atravessa, em análise, inúmeras identificações. Por elas, goza, em prazer ou sofrimento. Delas obtém satisfação. Tanto ao declarar que gosta de algo, quanto ao rechaçar, o analisando assume uma identidade que não pode passar indiferente ao analista.

Essas identificações gozosas se esvaem em análise e, ainda que algumas pareçam ao analisando parte de sua essência, ele sobrevive. A surpresa, em algumas sessões, é que essa perda pode fazê-lo sentir-se bem.